

**UM ROMANCE
NA LÍNGUA
DA "SAUDADE"**

Texto: Nívia Passos Foto: Divulgação

Foram anos dedicados a coletâneas sobre mulheres e ao estudo de Elena Ferrante sob a lente da psicanálise. Agora, a escritora mineira Fabiane Secches estreia na ficção com um romance sensível sobre o feminino contemporâneo. A história acompanha a vida de Mariana, marcada por perdas como a morte da mãe, tentativas frustradas de engravidar e o exílio linguístico ao migrar para um país com uma língua que soa como "fonemas desconhecidos". Na trama, entre luto e depressão, a protagonista encontra amparo nos livros e na companhia do cachorro Quincas, em uma narrativa que equilibra ensaio e ficção para falar de saudade, amor, família e vínculos entre mulheres. Sob o selo da Companhia das Letras, *Ilhas Suspensas* chega às livrarias no dia 10 de fevereiro. Em conversa com a *Glamour*, que teve acesso à obra, a autora divide seu processo de escrita, a inspiração para o título e outros detalhes que você confere a seguir.

Além de escritora, você também é psicanalista. De que maneira diria que a psicanálise influencia na sua escrita?

Me interessei em estudar psicanálise para entender um pouco melhor as teorias em torno da complexidade humana, de suas muitas contradições e ambivalências. Ter essa experiência teórica e clínica me ajuda na composição de personagens, mas, na verdade, sinto que é a literatura que mais me ajuda na clínica do que o contrário. A leitura e a observação atenta da vida contribuem mais para a escrita do que qualquer teoria.

Que outras influências você traz para o seu ofício de escritora?

Escrevemos com tudo o que somos. Nossas memórias da infância e da adolescência, as experiências da vida adulta, as conversas que temos, as cenas que testemunhamos, as músicas que ouvimos, os filmes a que assistimos... Acho que tudo isso forma um amálgama que vai para a escrita literária, muitas vezes, de forma inconsciente. E o que está no nosso próprio inconsciente também.

O seu romance de estreia traz temas densos, como o luto, a busca pela maternidade sem sucesso e o não pertencimento. De onde surgiu a inspiração para escrever *Ilhas Suspensas*?

Eu queria escrever um romance sobre o sentimento de deslocamento. A imigração estava lá desde o começo, antes apenas na personagem da Florence, ganhou outros contornos quando eu mesma, no meio do processo de escrita, me tornei imigrante. Mas o deslocamento geográfico, com tudo que implica, também não é o único do que o livro trata, como você bem disse. Há muitas formas de uma pessoa se sentir deslocada, e a Mariana, protagonista do livro, vive uma porção delas.

Como você chegou ao título do livro?

A expressão "ilha suspensa" aparece duas vezes: uma com uma conotação mais negativa, ressaltando a solidão que Mariana sentia, outra com uma conotação mais positiva, nos dias que ela passa hospedada na casa de Florence. Gosto de títulos ambíguos, então, quando um dos primeiros leitores do livro, o escritor Daniel Galera, notou essa recorrência, ele me soprou o título e assim ficou.

A língua como casa em um romance é como uma espécie de metalinguagem. Fale um pouco sobre essa relação da protagonista com o português como um ponto de pertencimento.

Ao emigrar, Mariana percebe que sua ligação com a língua materna é ainda mais forte do que imaginava. Talvez porque ainda esteja vivendo o luto pela perda da mãe. Ou talvez porque uma língua é carregada de afetos. Arrasta consigo toda uma cultura, uma história, e ela não podia e não queria prescindir disso.

A maternidade e o envelhecimento feminino também são abordados de maneira muito realista e sensível na trama. Qual o maior cuidado que você teve nesse ponto e que tipo de reflexão pretende despertar nas leitoras?

Eu tentei dar um tratamento honesto a esses temas, sem chegar a iluminações conclusivas. Gosto da ideia de que esses temas permaneçam como questões em aberto, sem respostas definitivas. ⑩

